



Por uma comunidade pastoral: revisitando o princípio de cuidado

For a pastoral community: revisiting the principle of care

Flávio Henrique de Oliveira Silva⁸²

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: Em o Novo Testamento, mais especificamente, o termo cuidado está associado a ideia de *poimênica*, que corresponde à palavra grega *poimen*, cujo sentido indica “apascentar”. Todavia, evita-se o termo “*poimênica/ poimen*”, já que em nosso contexto existe uma associação imediata entre a noção de “apascentar” como exclusiva a figura e a ação do pastor-indivíduo (aquele que apascenta as ovelhas). Contrariando esta tendência, e a partir do pressuposto indissociável, “existência-cuidado-comunidade”, cabe a reflexão a respeito dos movimentos de cuidado nas comunidades cristãs locais, já que em muitos casos tornou-se um movimento (uma preocupação) de poucos. Isto é, somente daqueles (as) que se entendem desafiados para este fim, tratando-o como uma espécie de tarefa e não de identidade. Por uma questão de vocação e definição, deveríamos pensar o “ministério do cuidado” como um exercício de toda a comunidade – “uma comunidade cuidadora”, cuja vivência pede pelo cuidado mútuo – e não de poucos indivíduos: pastores, psicólogos, terapeutas, conselheiros, diáconos.

Palavras-chave: Cuidado, Comunidade, Pastoral.

Abstract: In the New Testament, more specifically, the term care is associated with the idea of care, which corresponds to the Greek word *poimen*, whose meaning indicates “to shepherd”. However, the term “*poimenica/ poimen*” is avoided, since in our context there is an immediate association between the notion of “pasturing” as exclusive to the figure and action of the individual shepherd (the one who pastures the sheep). Contrary to this trend, and based on the inseparable assumption, “existence-care-community”, it is worth reflecting on care movements in local Christian communities, since in many cases it has become a movement (a concern) of a few. That is, only those who understand themselves to be challenged for this purpose, treating it as a kind of task and not an identity. As a matter of vocation and definition, we should think of the “ministry of care” as an exercise of the entire community – “a caring community”, whose experience calls for mutual care – and not of a few individuals: pastors, psychologists, therapists, counselors, deacons.

Keywords: Care, Community, Pastoral.

⁸² Doutor em Teologia pela PUCPR, com pesquisas na área de Bíblia (Exegese/Novo Testamento). Mestre em Teologia pela PUCPR. Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR e em Estudos Teológicos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e em Análise, Projeto e Desenvolvimento de Software pela Universidade Norte do Paraná. É docente do PPG em Teologia da FTSA.

Introdução

Em dicionários de Língua Portuguesa, cuidar é zelar pelo bem-estar, pela saúde de; de outra pessoa, de si mesmo. Em dicionários inglês-português, cuidar é amar e indica também a promoção de bem-estar e saúde. Já em latim, o conceito de cuidar implica cura (“coera: para contextos de relações humanas de amor e de amizade – cura queria expressar a atitude de cuidado”⁸³). De forma aplicada, entende-se a definição de cuidado

quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de suas conquistas, enfim, de sua vida. Cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se depreende, de uma atitude fundamental. [...] cuidado implica um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude.⁸⁴

Em linguagem bíblico-teológica o conceito de cuidado indica *benção* (abençoar e ser abençoado), *amor*, e até mesmo *salvação*. Daí, portanto, uma ideia preliminar para reflexão inicial: toda a ação cuidadora significa uma ação de amar, abençoar (proporcionar bem-estar) e salvar (no sentido de trabalhar para promover a cura ou a vivificação integral). Ao registrar a formação e organização do povo de Deus, no Antigo Testamento, as narrativas bíblicas deixam transparecer que desde então o cuidado com o próximo é indicação da vontade divina e, portanto, tratado como valor absoluto. É possível notar nas páginas das Escrituras que várias passagens evidenciam o imperativo do cuidado como um exercício de iniciativas múltiplas (“eu-para-o-outro⁸⁵”), concretas, verificáveis na história. Ao mesmo tempo, a mensagem bíblica também retrata que qualquer movimento de indiferença ou negação do outro é um indício de violação (entre outras definições, violação como “negação da dignidade humana” negando-lhe que “seja” – cujo oposto é “deixá-lo ser”, na linguagem do filósofo Emmanuel Lévinas), já que nega o estado-de-pessoa, como ser integral, criada à imagem e semelhança de seu criador (cf. Gn 1,26).

Em o Novo Testamento, mais especificamente, o termo cuidado está associado a ideia de *poimênica*, que corresponde à palavra grega *poimen*, cujo sentido indica “apascentar”. Todavia, evita-se o termo “*poimênica/ poimen*”, já que em nosso contexto existe uma associação imediata entre a noção de “apascentar” como exclusiva a figura e a ação do pastor-indivíduo (aquele que apascenta as ovelhas). Contrariando esta tendência, e a partir do pressuposto indissociável, “existência-cuidado-comunidade”, cabe a reflexão a respeito dos movimentos de cuidado nas comunidades cristãs locais, já que em muitos casos tornou-se um movimento (uma preocupação) de poucos. Isto é, somente daqueles (as) que entendem-se desafiados para este fim,

⁸³ BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão social*, v. 1, n. 1, 2005, p. 29. Neste mesmo artigo o autor explica que cura é um dos sinônimos eruditos de cuidado, utilizado na tradução do famoso *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger.

⁸⁴ BOFF, 2005, p. 29.

⁸⁵ Conceito utilizado pelo filósofo Emmanuel Lévinas em seus ensaios sobre a alteridade. Entre as obras deste autor, o tema aparece em: LÉVINAS, Emmanuel; *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997. Por alteridade, entende-se o desejo, limitado, de não viver a realidade a partir, apenas, do próprio eu, mas vivê-la de modo a ir ao encontro do outro.

tratando-o como uma espécie de tarefa e não de identidade. Por uma questão de vocação e definição, deveríamos pensar o “ministério do cuidado” como um exercício de toda a comunidade – “uma comunidade cuidadora”, cuja vivência pede pelo cuidado mútuo – e não de poucos indivíduos: pastores, psicólogos, terapeutas, conselheiros, diáconos.

É certo que alguns estão aptos e melhor preparados para algumas ações de cuidado mais específicas e pontuais. Entretanto, será sempre contraditório que em uma comunidade de fé não pulse um coração que pergunte pelas necessidades e por ações de cuidado para com aqueles (as) a quem se aprendeu a chamar de irmão e irmã, cuja definição, na Bíblia, indica, entre outras possibilidades, uma relação de pertencimento mútuo e integral – até as últimas consequências. Cuidar, portanto, é o modo concreto de “ser humano” nas relações. Assim sendo, questiona-se a redução das vivências de cuidado a uma tarefa, situando-a no âmbito da existência (ser-cuidado) e da convivência (comunidade-cuidado), conforme mais detalhes na sequência.

1 Fundamentos do Cuidado: existência e comunidade

A consciência de urgência quanto à apropriação da vocação ao cuidado será possível mediante a compreensão de dois pressupostos fundamentais: (1) cuidado como existência; e (2) a relação comunidade-cuidado. Começemos pelas questões do cuidado como existência, seguindo a tese de Heidegger, para quem o cuidado é inerente à vida/existência (“constituição ontológica”⁸⁶). O filósofo entendia cuidado como solo⁸⁷, a saber: “em que se move toda a interpretação do ser humano, constituindo-se no principal fundamento para compreender todo o desenvolvimento, toda a produção e todas as projeções realizadas pela humanidade”⁸⁸. A partir deste pressuposto, Boff fez alguns apontamentos que ajudam a compreender a ideia de Heidegger:

o cuidado se encontra antes, está na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. A origem tem o sentido de fonte donde brota permanentemente o ser. Portanto, significa que o cuidado constitui uma presença ininterrupta, em cada momento e sempre, na existência humana. Cuidado é aquela energia que continuamente faz surgir o ser humano. [...] Este é o modo-de-ser que resgata nossa humanidade mais essencial, cuja força pode servir de plataforma para um novo ensaio civilizatório.⁸⁹

Em seus estudos sobre a temática do cuidado, Brustolin⁹⁰ também cita o pensamento de Heidegger que “desenvolveu sua reflexão, relacionando cura, cuidado e atenção ao outro”. Heidegger (*apud* Brustolin) entendia que “o significado último da existência humana está no seu ser-no-mundo-com-o-outro”. Nesse contexto, dizia o

⁸⁶ “Quando diz “constituição ontológica”, significa: entra na definição essencial do ser humano e determina a estrutura de sua prática” (BOFF, 2005, p. 34).

⁸⁷ “Quando fala do cuidado como “solo em que toda a interpretação do ser humano se move”, significa: o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação que dermos do ser humano. Se não tomarmos o cuidado por base, não conseguiremos compreender o ser humano. Ele funda um novo ethos, no sentido originário da palavra ethos na filosofia grega: a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza” (BOFF, 2005, p. 28).

⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁸⁹ BOFF, 2005, p. 34.

⁹⁰ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A vida: dom e cuidado. *Teocomunicação*, v. 36, n. 152, 2006, p. 456.

filósofo: “a identidade própria do humano é construída na coexistência e na inter-relação. Na base dessa percepção está o cuidado, compreendido como solicitude, dedicação e inquietação pelo outro”.

Caso a teoria de Heidegger esteja correta, é necessário lidar com o imperativo de que negar-se ao cuidado é negar-se à própria existência original, assumindo outras formas de existência, que, cedo ou tarde, trarão à tona traços de nossa cruel desumanidade e de nossa inexistência, ainda que em vida. Nesse sentido a Bíblia, e por isso uma disciplina de teologia bíblica do cuidado, constitui-se como um texto de redenção, chamando a cada um de nós à humanidade, e esta, entre outras coisas, revelada no cuidado com a vida (Gn 1,26).

O segundo fundamento do cuidado está ligado à sua relação indissociável com as prerrogativas da vida comunitária⁹¹. Vale destacar que o valor comunitário está na essência do próprio ser de Deus. Na linguagem dos teólogos, Deus é um ser comunitário na medida em que se revela como trinitário (embora o termo “trinitário” ou “trindade” não apareçam nas escrituras sagradas). A Trindade, portanto, é uma comunidade, diriam alguns⁹². A partir de então, defende-se que toda ação ou preceito divino parte deste alicerce. Esse aspecto da trindade-comunidade serve, portanto, como paradigma para os desafios da vida comunitária e do cuidado que dela procede.

Sem a noção de comunidade e suas implicações dificilmente percebe-se a urgência do cuidado. Ou seja, é a percepção correta da vida em comunidade que pode impulsionar à conversão ao outro, cujos sinais serão vistos exatamente nas relações de cuidado mútuas. Por outro lado, sem cuidado não há comunidade, mas apenas ajuntamento/aglomeração e agendas litúrgicas. Isso porque o cuidado é um dos fatores que define a identidade da comunidade. Em outros termos, são as vivências de cuidado que legitimam uma autêntica comunidade. É por esta razão que o cuidado não pode ser reduzido a uma tarefa (ou um ministério), e uma tarefa de alguns. Assim, nota-se, então, o cuidado está na condição do “ser” (ontológica) e na condição de “ser comunidade”.

Mas afinal, o que é uma comunidade? A tarefa de definir o conceito de comunidade é complexa, já que o termo é bastante amplo. Provisoriamente, cabe a definição genérica dada por Bauman (definição dada a partir de uma percepção sociológica), embora o autor trabalhe a ideia de “comunidade como utopia” (um não lugar), ou de “comunidade como impossibilidade”. Ainda assim, Bauman entende comunidade como “um lugar cálido”. Isto é, “confortável e acolhedor”. Para o autor, “é como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. [...] Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros”⁹³.

Na descrição de uma comunidade pautada pelo cuidado, Bauman percebe uma espécie de ideal, o qual descreve como “um tipo de mundo que não está,

⁹¹ Alguns autores e estudiosos usam termos como “comunidade do cuidado”. Uma expressão ao meu ver, redundante, já que a ideia de comunidade, ou vida comunitária, pressupõe imediatamente a noção de cuidado - sem cuidado mútuo não existe comunidade e vice-versa. Não estou sugerindo a não utilização do termo. Quero apenas chamar a sua atenção para relação inerente entre uma coisa e outra.

⁹² Um dos teólogos que trabalham com essa ideia é Jürgen Moltmann em sua obra *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁹³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.8.

lamentavelmente, ao nosso alcance”⁹⁴. Nesse caso, todavia, o inalcançável, à luz da fé, indica um tom profético, denunciando nossos distanciamentos e, ao mesmo tempo, suscitando esperança, e esperança como possibilidade, esperança que não se espera, mas se constrói, como diriam alguns teólogos. No mundo inalcançável de Bauman, na vida em comunidade:

- “Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez”;
- “Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir perdão, arrepender-nos se necessário”;
- “As pessoas nos responderão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre”;
- “Sempre haverá alguém para nos dar a mão nos momentos de tristeza”;
- “Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos”;
- “Raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio”;
- “Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros”.

2 “Existência-Cuidado-Comunidade”: disfunções e desafios

Sem a noção de existência (ser para o cuidado) e de comunidade (pertencimento), desde suas implicações mais elementares, a possibilidade de relações de cuidado estará sob ameaça. Por isso, uma “teologia bíblica do cuidado” é a tentativa de uma retomada do valor da existência e da comunidade, à luz da proposição de que a vida, desde suas possibilidades mais amplas, só é uma realidade a partir do outro. Em outros termos, uma perspectiva bíblica do cuidado serve à legitimação do imperativo divino, revelado nas Escrituras, como fonte para (1) a compreensão do outro (vivências a partir do outro); (2) a sensibilidade à dor e limitações do outro e que pedem por intervenções de auxílio/cuidado; (3) o discernimento da existência como vocação para o cuidado; (4) a assimilação de valores comunitários, como, por exemplo, “com-paixão” e “proximidade”.

Dentre as quatro questões apontadas acima, cabe, de forma sintética, refletir a respeito do valor da “proximidade” e da “com-paixão”, já que, entre outros, servem como parâmetro para a conclusão da existência de *disfunções*, assim também como paradigma para os *desafios* postos até aqui. Ao falar sobre proximidade, Lévinas a descreve como “completamente distinta de qualquer outro relacionamento, e tem de ser concebida como uma responsabilidade pelo outro”. Além disso, para o autor, proximidade é sinônimo da própria “humanidade”⁹⁵. Isto é, sem proximidade não há humanidade, em outros termos, o humano é constituído pela presença do outro em si (presença do outro em nós), sem o qual a sempre um ser pela metade. Para Vaz

a presença do outro em nós é (1) “constitutiva do próprio ato pelo qual somos presentes a nós mesmos”; (2) “mediadora dessa nossa presença a nós mesmos, já que não nos é dada a intuição direta da nossa própria essência”. [assim, diz o autor] “Nossa presença ao outro (categorias de relação) não resulta do fato de ele estar simplesmente diante de nós

⁹⁴ BAUMAN, 2003, p.8.

⁹⁵ COHEN, Richard A. “Foreword”. In: LEVINAS, Emmanuel. *Otherwise than being, or, Beyond essence*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1998, p.46.

numa relação especular, mas da sua presença no interior da nossa própria presença [...] Tal é a estrutura fundamental da experiência da pessoa”.⁹⁶

A crise que daí emerge é que a proximidade está comprometida pela hipervalorização do indivíduo e o que restou da comunidade tornou-se uma comunidade-de-interesses-próprios, cujos laços “tendem a ser frágeis”, conforme notou Bauman. Assim, “a proximidade não garante a intensidade da interação”. Como consequência, “supõem-se que os problemas sejam sofridos e enfrentados solitariamente”⁹⁷ - em suas pesquisas Brustolin⁹⁸ constatou que “muitos não suportam a proximidade do outro, vivem isolados e na solidão”. Daí, portanto, a “impossibilidade do exercício do cuidado”.

Quanto à “com-paixão”, na Bíblia indica ação, como, por exemplo, participação no sofrimento (sofrer junto) e na dor do outro. Especialmente no Antigo Testamento indica lamentar junto e, ao mesmo tempo, consolar em dias de luto e dor. No Novo Testamento, em especial, indica uma dor que vem das entranhas, pela percepção das condições de vida de um semelhante⁹⁹. Na teologia paulina o tema é desenvolvido a partir do princípio de que compaixão é um atributo divino. Deus age com compaixão e, assim, convoca os que receberam compaixão a serem também compassivos.

Em suma, conforme Moltmann, a com-paixão não deve ser compreendida como “um sentimento de “piedade” para com quem sofre. Não é passiva mas altamente ativa”. Para o autor, com-paixão “é a capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro. Trata-se de sair de seu próprio círculo e entrar no mundo do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele”¹⁰⁰.

Além de proximidade e com-paixão, é bem-vindo notar o resumo dos estudos de Brustolin¹⁰¹ que sugere como ponto de partida para a percepção da urgência do cuidado a “valorização da vida e o reconhecimento de sua dignidade”. Para ele, “a relação dos seres humanos entre si e a sua interação com o meio dependem da acolhida do mistério do humano como imagem de Deus e da dignidade sagrada da vida humana”. Daí, portanto, a possibilidade de “uma nova visão da realidade humana”. Para o autor, “a arte de cuidar depende do olhar que se lança sobre o outro e sobre a realidade. Olhares desinteressados e omissos jamais serão capazes de encantarem-se com a vida e o mistério que nos circundam”. Embora não use estes termos, a ideia de comunidade-cuidado aparece na tese de Brustolin quando menciona que “a ética nasce da responsabilidade diante do outro. Acolhendo ou rejeitando o semelhante, definem-se as relações de cooperação ou de dominação”¹⁰². Veja a seguir os pontos de disfunção e desafios propostos pelo autor:

⁹⁶ VAZ, Henrique C. de L. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 46.

⁹⁷ BAUMAN, 2003, p. 79.

⁹⁸ BRUSTOLIN, 2006, p. 458.

⁹⁹ - como exemplo, veja a parábola do credor incompassivo em que o rei teve compaixão e perdoou a dívida do servo (Mateus 18:27). O pai do filho pródigo teve compaixão dele (Lucas 15:20). O bom samaritano teve compaixão do viajante ferido (Lucas 10:33). Jesus teve compaixão da multidão (Marcos 6:34)

¹⁰⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Paixão pela Vida*. São Paulo: ASTE, 1978, p. 19.

¹⁰¹ BRUSTOLIN, 2006, p. 456.

¹⁰² BRUSTOLIN, 2006, p. 456.

| Suma do trabalho de Brustolin. | |
|---|--|
| <p>[1] Disfunções:</p> <p>“Crise de pertença ao mundo”;</p> <p>“Ser humano pode acessar qualquer ponto da aldeia global, sem, contudo, sentir-se envolvido, encantado ou afetado pela situação de cada indivíduo, povo ou nação”;</p> <p>“Há uma frieza no sentido de as pessoas perceberem a cumplicidade existente entre uns e outros”.</p> | <p>[2] Desafios:</p> <p>“Quando o humano é capaz de interessar-se pelo outro, pelo cosmos, e agir de forma cuidadora, começa, então, a tornar-se mais semelhante ao Criador”.</p> <p>“O cuidado propõe uma nova ética nascida de uma nova ótica. As religiões, especialmente a cristã, vivem desse cuidado com a vida, em todas as suas dimensões”.</p> <p>“Educando o olhar para ver as necessidades dos irmãos e irmãs, o cristão há de se alegrar. [...] Há de sofrer e chorar. [...] Há de lamentar a cultura da morte, que ainda impera no coração humano”.</p> |

Conclusão

Além dos aspectos já notados até aqui outros dois fundamentos devem ser mencionados. O primeiro deles lembra que a comunidade edificada em torno de uma identidade cuidadora e o ser-cuidador de que: “as relações de cuidado não devem prescindir de sua condição mimética, ou seja, toda a prática de cuidado deve prescindir (mimesis) do próprio agir de Deus. [...] O supremo pastor, aquele que realiza a ação suprema de cuidado”¹⁰³.

O segundo fundamento está vinculado ao primeiro e entende que “a prática do cuidado holístico está enraizada no princípio da *kenosis*”. Isto é, no princípio do esvaziamento. O referencial do Deus cuidador está em seu ato de esvaziamento, ao “assumir as condições humanas para redimir os homens em meio às fragilidades e contingências caracterizadas da vida humana”¹⁰⁴ (Fp 2,6-11). Daí duas proposições com as quais conclui-se as anotações preliminares neste ensaio.

- “Deus se esvaziou na criação, Cristo na cruz e o Espírito Santo na igreja/mundo. Esvaziaram-se para cuidar da humanidade e poder redimi-la, implicando em uma compreensão de cuidado a passar pela encarnação do ato de esvaziar-se e ir ao encontro do outro”¹⁰⁵.
- “Igualmente como a trindade se esvaziou, cuidar do outro implica ter um compromisso, um negar-se como totalidade, um afirmar-se como finito e, a partir do lugar da finitude, compreender a finitude do outro. [...] Isso nos faz

¹⁰³ POMMERENING, Claiton Ivan; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. Alteridade, convivialidade e escuta: princípios para uma prática pentecostal do cuidado. *Reflexus*, v. 13, n. 21, p. 87-107, 2019, p. 95.

¹⁰⁴ POMMERENING; GUNLANDA, 2019, p. 95.

¹⁰⁵ POMMERENING; GUNLANDA, 2019, p. 95.



desembocar na atitude disciplinar de um contínuo saber esvaziar-se e um saber dedicar-se”¹⁰⁶.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão social*, v. 1, n. 1, 2005.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A vida: dom e cuidado. *Teocomunicação*, v. 36, n. 152, 2006.

COHEN, Richard A. “Foreword”. In: LEVINAS, Emmanuel. *Otherwise than being, or, Beyond essence*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 8^a ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel; *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOLTMANN, Jürgen. *Paixão pela Vida*. São Paulo: ASTE, 1978.

POMMERENING, Claiton Ivan; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. Alteridade, convivialidade e escuta: princípios para uma prática pentecostal do cuidado. *Reflexus*, v. 13, n. 21, p. 87-107, 2019.

VAZ, Henrique C. de L. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 1995.

¹⁰⁶ POMMERENING; GUNLANDA, 2019, p. 95.